PRIVATE

A MAIS COMPLETA REVISTA MASCULINA DO PAÍS.

REVISTA MENSAL
ANO VIII - Nº 79

Cr$ 750,00

EXCITANTES

Em fotos ousadas, nossas leitoras mostram tudo o que têm direito de exibir

Sensuais, lindas e provocantes: assim são as garotas que apresentamos nesta edição

EXPERIÊNCIAS

LEIA E SINTA AS FORTES EMOÇÕES VIVIDAS E CONTADAS PELOS PRÓPRIOS LEITORES

CORREIO

Não fique só: escolha a proposta que mais lhe agradar e curta suas fantasias

PROIBIDA A MENORES DE 18 ANOS

...AÍS, BOA VISTA, SANTARÉM, RIO BRANCO, JI-PARANÁ, PORTO VELHO E MACAPÁ (VIA AÉREA): 30% DE ACRÉSCIMO

PRIVATE

REVISTA MENSAL • ANO VIII • EDIÇÃO Nº 79 • AGOSTO DE 1991

GALVÃO
Editora e Distribuidora Ltda.

Diretor e Editor Responsável:
Pedro Galvão Moreira

Diretor de Redação e Produção:
Moacir Machado

Diretora de Arte:
Sílvia Ribas

Assistentes de Arte:
Fábio R. Moreira
Roberto Zoccola

Redatora:
Ivonete M. Nascimento

Revisora:
Rosely de Paula

Fotografias:
Real Press International

Fotocomposição:
Tekla

Fotolitos:
Yanguer
Grisê

Distribuição exclusiva para todo o País:
Fernando Chinaglia Distrib. S.A. - Rua Teodoro da Silva, 907 - Fone: 577-6655 Rio de Janeiro - RJ.

PRIVATE *é uma publicação mensal da Galvão Editora e Distribuidora Ltda. Redação, administração, publicidade e correspondência: Rua Guilherme Maw, 86 - Luz - São Paulo - SP - CEP01105 - Telefone: 228-4618. Registro nº 4.014, de 21/01/85, no 5º Cartório de Registro de Títulos e Documentos, de acordo com a Lei de Imprensa. Os textos e fotos enviados pelos leitores são de sua inteira responsabilidade.*

EDITORIAL

NOVAS INSTRUÇÕES

Como os leitores irão notar, as instruções para a participação na Private sofreram algumas alterações, que deverão ser rigorosamente seguidas, sob pena de, se assim não for, seus anúncios, fotos, relatos etc. não virem a ser publicados. Essas mudanças têm uma única finalidade: evitar aborrecimentos para os próprios leitores, que desejam, através da revista, obter um relacionamento sério, contra os mal intencionados, que se apropriam de fotos alheias, muitas vezes mandando publicá-las como se suas fossem; ou que fazem anúncios enganosos, inverídicos até, que nada têm a ver com a realidade ou com uma proposta honesta. Pedimos desculpas para aqueles que pensam que se trata apenas de burocracia e contamos com a compreensão de todos os leitores. Agora, um aviso importante: na próxima semana estará nas bancas a Private Especial nº 7, com muitas fotos e propostas de transas.

ÍNDICE

Diário Sexual	4
Tribuna do Leitor	17
Form. de partic. do leitor	21
Correio Confidencial	23 e 57
A garota da capa	33
Outras garotas	38 e 73
Leitores em Close	42

MUITO ALÉM DA IMAGINAÇÃO

A Private tornou-se símbolo e elo de ligação entre pessoas que cultuam o sexo livre e sem barreira, a nível nacional e internacional. A revista ajuda essas pessoas a se encontrarem nos mais requintados gostos e prazeres, bem como é palco de exposição das fantasias, realizações e frustrações de milhares de seres por este Brasil afora. Por essa razão, não poderia deixar de relatar, nos mínimos detalhes, o mais estonteante e selvagem encontro que realizei com minha mulher, que para mim foi muito além da imaginação.

Casados há 20 anos, eu e Edna conseguimos superar os tabus e as barreiras do sexo livre entre casais, depois que conhecemos Renato, um rapaz de pouco mais de 20 anos, que teve uma afinidade muito profunda conosco. Tudo começou em um motel, quando realizamos pela primeira vez um ménage à trois, e entramos, a partir daí, na trilha deoutros ménages e swings.No entanto, por questões familiares, passados alguns anos resolvemos parar definitivamente, passando a viver de boas recordações.

Nesse meio tempo, vim a conhecer Jairo, um mulato forte cujo apelido, "Manga", era motivo de gozação de seus companheiros de trabalho. Aproximei-me dele e pude constatar o motivo do apelido e das gozações: tinha ele um pau enorme, muito grande e supergrosso, digno de sua raça, inveja de muitos homens e temor e desejo de muitas mulheres.

Como cachorro comedor de ovelhas só matando, ao tomar conhecimento da dotação sexual de Jairo aproximei-me mais ainda dele, já com a cabeça cheia de fantasias e disposto a quebrar o juramento de não mais sair em transas por aí com minha mulher.Conversando com o mulato, disse-lhe que conhecia casais abertos e mulheres que gostariam de conhecê-lo para um relacionamento. Notei que o rapaz interessou-se e, de imediato, contei-lhe que conhecia uma mulher desquitada, com quem eu andava, que queria muito conhecê-lo. Após um longo diálogo, combinamos um encontro sob a condição de que eu estivesse junto, para protegê-la e facilitar sua saída de casa. Jairoaceitou e entramos em detalhe de como a tal mulher gostava de transar, seus pontos eróticos etc.

Com Edna foi mais difícil, mas arquitetei um bom plano. Relatei-lhe que tinha um amigo a quem devia certos favores, e que eu gostaria que, nem que fosse pela última vez, ela desse uma trégua no juramento e saíssemos para um encontro. Depois de muitas lamentações, minha mulher acabou aceitando e, de imediato, marquei o dia.

Na data marcada, levei antes Jairo para um motel. Enquanto ele ia ao banheiro, consegui abrir a basculante da janela e calcei a guilhotina com uma caixa de fósforos, para poder, depois, assistir a tudo sem que ele percebesse. Meia hora depois cheguei com Edna e, conforme havia combinado com o rapaz, ele já estava escondido. Pedi que ela tomasse um banho, enquanto eu iria buscar o amigo, não sem antes implorá-la para que, nessa ocasião especial, depilasse suas partes genitais. Com Edna no banheiro, pedi a Jairo que saísse do esconderijo e a esperasse nu. Fingi sair e me posicionei do lado de fora do quarto, em posição privilegiada. Jairo, já completamente nu, masturbava-se espiando minha mulher

pelo buraco da fechadura do banheiro. Espantei-me com o enorme pau que endurecia e temi pela integridade física de minha esposa, mas o desejo de ver tudo aquilo dentro dela era maior que todos os medos; seria um espetáculo delirante.

Vi Jairo distanciar-se da porta do banheiro e Edna, completamente nua, sair e espantar-se com a presença dele. Observei o primeiro contato de seus corpos, o comentário que ela fazia da surpresa que lhe preparei. Tentando cobrir sua nudez com a toalha, Edna caminhou até a mesinha, encheu um copo de vinho e ofereceu-o ao rapaz, quando passaram a conversar. Nesse meio tempo, ela sentou na beirada da cama, observando com clareza o porte físico do homem à sua frente, detendo-se no imenso pau. Ao comentar com ele sobre o tamanho descomunal, ambos sorriram.

Jairo sussurrou algo a Edna, que passou a balançar o pau entre os dedos e a apertá-lo como se o estivesse medindo, enquanto ele olhava para baixo e dizia algo que não consegui entender. Movimentando suas mãos em torno da enorme carne roliça, minha mulher passou a masturbá-lo. O rapaz dizia-lhe algo e ela sacudia a cabeça negativamente, mas não abria a mão que envolvia o enorme pau. Em segundos entendi o que ele pedia, quando cautelosamente ela aproximou o rosto daquela grande vara, roçou-a na face e acabou beijando, sentindo toda a sua potencialidade. Finalmente, beijou e lambeu o dorso, sempre medindo e comentando a desproporcionalidade de tal envergadura.

Jairo sentia o prazer da chupada em seu imenso pau e a delicadeza das mãos macias de Edna, que o masturbava. Prestes a gozar, ele estancou e pediu a ela que deitasse na cama. Obedecendo-o, ela esparramou-se sobre o lençol, enquanto ele deitava ao seu lado e manuseava com as mãos o corpo da fêmea à sua disposição. Começando a beijar seus lábios e depois arriando sobre seus seios, Jairo sorveu os dois pomos aos beijos e chupões, deixando minha mulher arrepiada. Depois iniciou uma longa caminhada com a ponta da língua sobre seu corpo, até aproximar-se das coxas em forquilha, e, finalmente, abriu-as com as mãos e, curioso e espantado, deteve-se entre os lábios vaginais que, livres da penugem, expunham-se polpudos e em todo o esplendor. Com lambidas e beijos gulosos, ele movimentou a língua entre o clitóris e a vagina, deixando Edna com o corpo retesado de tanto tesão.

Ao ver minha mulher agarrada aos cabelos do rapaz, eu sabia que ela estava tendo múltiplos orgasmos. Abria escancaradamente as pernas e levantava o pélvis ao encontro de sua língua ágil,

gemendo, endurecendo o corpo e gingando as ancas até desfalecer de prazer. Vi Jairo inverter o corpo e colocar o imenso pau sobre o rosto de minha mulher, que entendeu o apelo e, segurando-o com as mãos, passou a chupá-lo com sofreguidão. Nesse momento fui presenteado com a visão de um estonteante 69, que fez com que ela gozasse loucamente. Ele, por sua vez, continha-se para concluir seu desejo de acabar dentro dela. Edna gozou molhando o rosto do rapaz e soltou-se dele, sempre de pernas abertas, de onde se via a umidade que restava entre seus lábios vaginais.

Esparramado na cama, Jairo foi obsequiado pelos beijos sedentos de Edna, que não soltava o pau em toda a sua dureza. Indo por cima dele, se posicionou para a cavalgada, segurando e pincelando o pau em sua úmida vagina, para depois acasalá-lo abrindo-se toda. Aos poucos foi arriando o corpo, engolindo centímetro por centímetro do enorme cacete. Com uma das mãos calcada no peito do rapaz e a outra segurando o seu pau, Edna deixou-se penetrar até o fim de suas paredes uterinas, ficando a metade daquele imenso bastão ainda de fora. Ela tinha sido penetrada no limite de suas possibilidades, quando passou a gingar o corpo e a gemer em busca de novo clímax, enquanto Jairo segurava suas nádegas e acompanhava seus movimentos.

Edna já havia gozado, mas tentava encontrar o orgasmo total, razão pela qual perdeu o tino e o cuidado, soltando-se e esmagando-se por cima do rapaz. Num abraço apertado, uniram-se, quando ela cedeu as resistências e abandonou-se, permitindo que o pau fosse entrando mais e mais, num espetáculo delirante e sensual paramim. Vi, espantado e incrédulo, sua pequena vagina, que eu conhecia tão bem, ser totalmente penetrada, enquanto ela atingia, desatinada, o orgasmo final. Jairo, enlouquecido, ia fundo nas entranhas de Edna, sempre segurando-a pelas nádegas e formando-se contra ela, até explodir e esporrar uma torrente de esperma que, acompanhando o movimento de entra-e-sai, escorria do imenso dorso do pau, sujando-os completamente.

Edna acordou para a realidade e queixou-se da dor, levantando o corpo e tentando sair de cima daquela imensa tora que rasgava suas entranhas. Com muito custo e fazendo caretas, conseguiu sair de cima. Observei, estático, com os olhos arregalados em direção às coxas abertas de minha mulher, o enorme fazio vermelho de sua vagina, que expelia em gotas o esperma ali depositado, enquanto o enorme pau todo molhado e meio branco, meio mole meio duro, saía pulsante de sua gruta. Exaustos, os dois caíram lado a lado na cama.

Passados alguns minutos, quando Edna voltava do banheiro e o rapaz para lá se dirigia, ela ainda, sedenta, tentou reanimar o pau já completamente mole com uma chupada. Mas foi inútil. Devido ao desproporcional tamanho, o pau de Jairo só endurecia e gozava uma vez por noite. Saí do esconderijo e entrei no quarto, encontrando Edna ainda na vã tentativa de ressuscitar aquele falo mole e sem vida.

Presenciando essa transa, percebi que Edna tinha ressurgido mais uma vez para o sexo livre e liberal, através de uma dezena de orgasmos. Havia sido saciada, mas em contrapartida estava arrombada, rasgada e inchada. Por essa razão, dei um tempo para a recuperação. Agora, através deste relato, espero encontrar outros jairos que possam fazer-lhe outras surpresas e, ao mesmo tempo, obsequiar-me com outros estonteantes visuais, muito além da imaginação.

Renato/Edna, Pelotas, RS.

ROUBO DE ESPERMA NO CINEMA

Não nos conhecíamos direito, mas já era a terceira vez naquela semana que levava Ângela para sarrear no cinema. O filme era o mesmo: "A Tara do Samurai". Não me peçam para contar a história, pois, mais preocupado em vencer as resistências da inexperiente garota, nem me lembro de que lado ficava a tela. Provavelmente o tal Samurai, coitado, deve ter-se masturbado em todas as três vezes, só de assistir ao nosso sarro. Dessa vez eu pensava que Ângela, com apenas 17 aninhos, permitiria que embutisse minhas mãos entre suas belas coxas morenas, já que agora permitia ficar com uma das mãos sobre meu colo.

O trailer passava na tela e meu dedo dedilhava seu clitóris por entre o elástico da tanguinha. Consegui abrir a braguilha e tirar o pau superduro para fora, brindando-a com o visual estonteante de meus 20 centímetros. Finalmente, tocou-o com a ponta da mão e começou a masturbar-me timidamente. Mas, que merda! Nessa mesma hora, depois de longas horas no decorrer dos três dias em que procurava vencer suas resistências, quando ela finalmente sentia-se seduzida e já segurava meu pau, chegou um casal e sentou-se ao nosso lado. Assustada, Ângela tirou a mão antes que eu pudesse disfarçar, deixando-me com o pau totalmente à mostra, numa situação desconcertante. Sem dúvida, o casal percebera minha triste situação, quando com muito esforço larguei-me dela e consegui colocar meu casaco por cima, pensando que era melhor dar um tempo. Se o casal começasse algum sarro ou, quem sabe, trocasse de lugar, poderíamos continuar numa boa. Mas, com o passar dos minutos, os putos continuavam sérios, ligadíssimos no filme.

A coisa piorou quando a mulher cochichou alguma coisa no ouvido do companheiro e, a seguir, trocou de lugar, posicionando-se, agora, ao meu lado. Como é que um cara gasta dinheiro para ver um filme de merda desses, num cinema de quinta categoria, e ainda com sua mulher?! Pior: prejudicando uma bolinação como a nossa! Olhei disfarçadamente para a mulher. Era uma coroa bonita, comível, pensei, sempre tentando esconder o pau com o casaco. Naturalmente, eles haviam percebido. Cansado de esperar, aos poucos recomecei a bolinar Ângela, já acostumado com a presença indesejada do casal de otários. Coloquei a mão entre as coxas da garota, na certeza de que, em poucos instantes, ela iria me pagar com uma bela punheta. Não deu outra! Senti sua mão infiltrar-se por debaixo do casaco, acordando meu caralho.

Meus testículos, cheios de ansiedade e porra, estufaram a calça. O pau endurecido pulsava na mão macia, que dessa vez sabia acariciá-lo, masturbando-me com agilidade. Fiquei até desconfiado de sua inocência e inexperiência. Ela sempre me assegurava que nunca tinha feito esse tipo de ação. Para facilitar o manuseio de sua mão, deixei que ela própria segurasse o casaco, esparramei-me na poltrona e fechei os olhos, deliciando-me com a maravilhosa punheta que ela me oferecia.

Ao olhar para o casal ao lado para ver se estavam nos observando, aproveitei para analisar a coroa. Meu pensamento depravado fez com que imaginasse que a estava comendo, numa transa altamente excitante. Vislumbrei o perfil do marido, meio careca e com mais ou menos 50 anos, bigode aparado, tipo "rodapé-de-boceta", um belo espécie de corno profissional. Depois fechei os olhos novamente e pensei: "Não me leve a mal, cavalheiro. Será que o senhor tem aí um tubo de vaselina? É que estou tendo problema para comer o rabo de sua mulher!" A coroa, toda empertigada na poltrona, ajeitava-se de costas para mim, com o vestido levantado e as pernas escancaradas, levando meus 20 centímetros no rabo...

Ângela caprichava no ritmo da punheta, como uma profissional. Eu não entendia como aprendera tão depressa, ao ponto de me deixar alucinado e prestes a gozar. Mas não queria esporrar no casaco. Por isso, abri-o e coloquei-o por debaixo do meu pau. Fechei os olhos novamente, sempre imaginando estar comendo a coroa,

que a essas alturas, segundo minha imaginação fértil, sussurrava: "Ai, moço, bota mais... bota tudo! Rebenta minhas pregas! Arromba meu rabo e implode minha maldita hemorróida". Nesse devaneio, acabei esporrando uma enormidade, encharcando as mãos de Ângela, que juntou o esperma com as mãos. Depois limpou-se no lenço, que a seguir passou em meu pau, que continuou segurando até o bruto amolecer.

Como eu ainda estava esparramado na poltrona e devido à intensa punheta, que tinha sido demais para mim, fiquei inerte, tentando não chamar a atenção do casal ao lado. Olhando o filme pela primeira vez, esperava uma oportunidade para me arrumar. Mas pintou um grilo que me deixou apavorado: Ângela aproximou as mãos de meu rosto, acariciando-o e reclamando que eu tinha parado com a bolinação. E ainda mais: sussurou carinhosamente em meu ouvido que se eu continuasse com as carícias ela faria o mesmo para mim.

Porra! Não é que as mãos da garota em meu rosto estavam sequinhas e sem aquele tão conhecido cheiro de porra?!

Apavorado, levei a mão por debaixo do casaco e guardei o pau às pressas. Ajeitei o corpo na poltrona, abri os olhos arregalhados e procurei o lenço esporrado. Mas ele havia desaparecido. Olhando para Ângela, que ainda esperava uma resposta minha, perguntei: "Onde está o meu lenço?". Ao que ela respondeu: "Que lenço? De que estás falando?".

Lembrei então da coroa ao lado, das mãos ágeis que sabiamente me punhetaram, e percebi um sorriso sarcástico no rosto do casal. Que sacanas! Olhei novamente para o coroa e pensei que ele passava mal: tinha o rosto suado e, fungando, contorcia-se todo, gemia e afundava na poltrona. Foi aí que saquei, puta que pariu! O puto do corno, todo sôfrego, esfregava na cara meu lenço todo esporrado. Meu lenço?!... E sem me darem tempo saíram apressados da sala, deixando-me completamente apavorado e sem condições de dar explicações a Ângela, que, depois dessa, nunca mais quis me ver.

Édison, Pelotas, RS.

ASSALTO SEXUAL

O fato que passo a narrar aconteceu numa tarde do mês de julho, quando a temperatura aqui em Porto Alegre chega próxima a zero grau centígrado, um frio que nos faz relutar em sair da cama pela manhã, mas que, por outro lado, pode ser muito excitante.

Saí do apartamento onde estava instalado, desci dois lances de escadas e bati à porta do vizinho. Vestia calça jeans, botas de cano curto, camiseta e um blusão de lã. Veio atender o marido, um homem de uns 45 a 50 anos, bastante magro, aproximadamente 1,60 metro de altura e um vasto bigode numa cara feia, dando ares de um gaúcho muito brabo. Devia ter chegado há pouco do escritório, pois ainda trajava terno e gravata. Atrás dele vi a esposa sentada displicentemente, assistindo à primeira novela da noite. Ela vestia uma saia de lã bege, que ia até os joelhos e bem apertada na bunda; um blusão leve sobre uma blusa de seda e meias grossas de ginásticas, dessas que as mulheres passaram a usar no inverno. Deveria ter uns 25 anos, tendo atingido o ápice de uma fêmea. Era descendente de alemães, cabelos loiros vastos cuidadosamente penteados soltos, que davam um aspecto de juba de leão. Os olhos azul forte e a boca carnuda pintada com batom bem vermelho, que salientava muito em sua pele branca. Suas coxas eram bastante grossas, terminando em uma bunda grande e empinada, bem durinha, provavelmente em decorrência de muita aeróbica. Os seios eram grandes e redondos, saltados e duros, marcando bem no blusão que lhes apertavam. Bem alta (quase 1,70m), um tipo de mulherão gostosa, aqui ou em qualquer outro lugar do mundo.

O marido fez menção de perguntar o que eu desejava, com um sorriso pálido no rosto. Coloquei a mão sobre seu peito e o empurrei, fazendo com que caísse esparramado, o que fez a mulher saltar assustada do sofá. Tenho 1,80 metro de altura, 90 quilos, sou forte e gordo (não exageradamente), e possuo um rosto típico de espanhol, nem bonito nem feio, cabelos pretos e um início de calvície nas frontes e testa. Posso parecer bastante assustador, quando quero. Passei pela porta e a fechei atrás de mim. O marido ainda estava estatelado no chão, agora apoiado no colo da mulher, que tinha os olhos arregalados de pavor. O homem tentou levantar um protesto, mas mandei que calasse e, levantando o blusão, mostrei o cabo de uma 357 milímetros. Mandei que ficassem calmos, fizessem o que eu mandasse, e garanti que, se obedecessem, nada lhes aconteceria. A esposa ameaçou ficar histérica, mas o marido a consolou e pediu calma. Mandei-os levantar, e atenderam prontamente.

A mulher choramingava nos braços do marido, que tinha assumido aquela cara empávida de herói de filme americano. Perguntei se havia mais alguém na casa, e ele respondeu que não, que

FOGO D'AMOUR

PERFUME EROTICUS

SEXUAL SECRETS

ESTE PRODUTO ENCONTRA-SE NOS MELHORES "SEX-SHOP" DO BRASIL!

Para maiores informações solicite catálogo gratuíto à:

STAR CENTER LTDA.

Av. Francisco Matarazzo, 778 - Água Branca CEP 05001 - São Paulo - SP Tel.: (011) 864-5344

(DEPARTAMENTO DE DIVULGAÇÃO)

também não esperavam visita. Mandei-os sentarem em cadeiras da sala de jantar e perguntei aonde ficava o quarto. O homem indicou o final do corredor, onde também havia uma biblioteca, um escritório, mais dois quartos de hóspedes e um banheiro. Mandei que me acompanhassem até lá. O quarto do casal era bem grande, com uma sacada para o parque em frente; tinha uma enorme cama de metal cromado, uma penteadeira, duas poltronas, um televisor e um videocassete pendurados no teto. No lado oposto à sacada havia um grande armário, com uma entrada no centro que dava para um banheiro com hidromassagem.

Separei os dois, que ainda estavam abraçados. Mandei a mulher sentar na cama e o marido numa das poltronas. Puxei do bolso uma corda de náilon (dessas de varal) e amarrei as mãos do marido para trás, o que arrancou novos choramingos da jovem esposa. Prendi suas mãos à poltrona e ele não esboçou nenhuma resistência. Em seguida mandei que a mulher levantasse. Era realmente uma gata. A saia apertada destacava suas formas. Fiquei admirando-a por um tempo e senti o volume do meu pau manifestar-se sob a calça. Ela me encarou assustada, depois olhou para o marido, como se pedisse ajuda em silêncio. Ele assentiu com a cabeça, demonstrando preocupação. A mulher tirou o blusão, bem devagar, tremendo. A blusa de seda salientava seus peitos deliciosos. A seguir mandei que tirasse a saia, o que ela fez depois de certa relutância e alguma dificuldade, pois estava muito apertada. Para facilitar, sentou-se na cama. Quando terminou, fez menção de levantar-se, mas ordenei que permanecesse sentada. Ela ficou paralisada, com o olhar fixo, reprimindo o choro.

A visão daquelas coxas grossas cobertas pelas meias e a minúscula calcinha de renda, que deixava ver seus pentelhinhos dourados saltando para fora, excitaram-me ainda mais. Meu pau agora esforçava-se para libertar-se. Quando tirei o blusão, a mulher teve um leve tremor, não sei se de medo ou de frio. Mandei que tirasse os sapatos de salto alto e a blusa. Ela obedeceu. Seus peitos pareciam querer saltar para fora do sutiã quase transparente, que deixava ver seus bicos grandes e rosados. Sentei na outra poltrona, colocando a arma em cima da penteadeira, e tirei as botas e a calça. Meu pau rebelde saiu pelo lado da cueca, saltando duro como ferro. Ela fixou seu olhar nele, não sei se apavorada ou já demonstrando algum interesse. Seu marido também fixou o olhar.

Levantei da poltrona e me dirigi para a cama, colando minhas pernas nas da mulher e deixando meu pau apontado para seu rosto. Ela, realmente, tremia muito, mas não mais choramingava. Tirei as meias, cueca e camiseta, ficando totalmente nu. Peguei sua cabeça com as mãos e dirigi sua boca para meu pau duríssimo, encostando seus lábios na inchada glande. A mulher fingiu não endender, mas forcei sua cabeça com a mão, enterrando o pau em sua garganta. Ela quase engasgou, mas, forçada, acabou chupando o pau por inteiro. Avisei que, se tentasse mordê-lo, levaria uma porrada e, depois, um tiro. Isso a fez tremer novamente. O marido olhava com cara de herói frustrado, sem fazer um só ruído.

A sessão de chupação continuava, agora com a mulher dando os primeiros sinais de sua habilidade. Mandei-lhe tirar o sutiã, sem parar de chupar. Da posição em que estava, vi seus seios balançarem rígidos e senti os bicos duros encostarem nos meus joelhos. Essa cena quase me fez gozar em sua boca, mas consegui controlar-me. Depois tirei o pau de sua boca, que estava mais carnuda ainda, e mandei que se estendesse na cama. Ela se arrastou para trás, deitando com as pernas e os braços abertos, os bicos dos seios apontando rígidos para o teto. Estava começando a escurecer e acendi a luz indireta. Olhei para ela, tesuda sobre a cama, e para o marido, lívido.

Cheguei junto da mulher e ajoelhei-me na cama, entre suas pernas. Tirei calmamente suas meias e coloquei suas pernas por sobre meus ombros. Fiquei então com uma visão bem próxima de sua pequena calcinha e de seus tufos de pentelhos para fora. Havia um pequeno laço no alto da calcinha, o qual peguei com a boca depois de resvalar minha cabeça entre suas pernas. Levantei de leve suas pernas com os ombros e puxei o laço com os dentes, facilitando a retirada daquela minúscula peça. Ela tremeu novamente, uma tremida forte.

O marido soltou um gemido. Dei de cara com uma bocetinha vermelha, rechonchuda, inchada, cercada de pêlos quase brancos e portadora de um clitóris saltado. Notei que estava levemente úmida, o que justificava sua última tremida. Encostei minha boca, apertando forte, e chupei aquela bocetinha de cima a baixo, dando leves mordiscadas em seu clitóris, que ficava cada vez mais inchado.

Eu olhava para seu rosto, e arranquei seu primeiro gemido, seguido de um olhar de culpa para o marido. Intensifiquei minha ação e ela fechou os olhos, começando a movimentar levemente as ancas e dar enrigecidas na bunda. Continuei a chupá-la, colocando minha língua no fundo da xoxota, agora completamente encharcada pela minha saliva e pelo seu próprio suco. Ela colocou a mão em minha cabeça, meio tentando afastá-la, meio acariciando meus cabelos, e disse: "Não, não, por favor, não". Sua voz sensual muito mais me excitava que me demovia de minhas intenções. Coloquei, então, a mão entre suas coxas grossas e enfiei fundo um dedo em sua xoxota. Ela não conseguiu conter um gemido alto de satisfação. O marido tentou mexer-se na poltrona, mas não conseguiu.

Enfiei outro dedo, e mais outro, e a mulher então se derramou em gemidos e suspiros, sacudindo-se e apertando meus dedos com as paredes da boceta. Levantei o corpo, sem tirar os dedos, puxando-a para junto de mim. Fiquei com seus joelhos em meus ombros e a boceta encostada no meu pau. Tirei os dedos e encostei a glande em sua xoxota inchada. Esfreguei-a de cima a baixo, dando rápidas enfiadinhas com

a cabeça. Ela gemia alto e se aproximava de meu pau, mas eu não o deixava entrar. Como que saindo de um sonho, ela abriu os olhos e espiou o marido, que baixou a cabeça. Depois olhou para mim, envergonhada e excitada. Eu continuava esfregando o pau e enfiando a cabeça. Ela não estava mais com medo, mas muito envergonhada. Apesar de querer que acontecesse, não conseguia aceitar o fato de que agora estava gostando. Continuei com a esfregação e coloquei a mão entre suas pernas, apertando de leve seu clitóris.

A mulher fechou os olhos novamente e empurrou o corpo contra meu pau duríssimo. Aproximei a boca de seu pescoço, lambendo de leve, e disse em seu ouvido: "Pede para eu enfiar. Pede que boto tudo." Sacudiu a cabeça dizendo que não, que não queria, mas tentava ajeitar-se em torno de meu pau. Insisti outra vez que me pedisse para enfiar, e novamente negou. Então afastei de leve o pau, fazendo com que se jogasse para a frente, procurando-o. Esfreguei mais rápido os dedos em volta do clitóris e disse-lhe: "Se tu queres, terás de pedir". Envergonhada, sussurrando, ela suplicou: "Põe". Me fiz de surdo: "O que? Eu não ouvi". Aos gritos, ela repetiu: "Põe. Põe tudo, seu filho da puta". Então enfiei todo o pau em sua xoxota, e ela o apertou com os músculos vaginais. Abracei-a e comecei a beijar seu pescoço, suas tetas... Ela correspondeu ao abraço e me xingava entre gemidos. Gozamos juntos: ela aos gritos; eu jorrando fortes jatos de esperma em sua xoxota.

Levantei, as pernas meio bambas, e a mulher começou a chorar forte, atirada na cama, a xoxota vermelha como fogo, com o leite branco escorrendo para fora. Cheguei perto do marido, que estava com os olhos arregalados. Peguei meu pau com a mão, ainda duro e com uma gota de porra na ponta, e disse-lhe: "Tá vendo, corno, o que é comer uma mulher?" Em silêncio, ele abaixou a cabeça. Levantei sua cabeça, aproximei o pau de sua boca e ordenei-lhe: "Agora tu vais chupar a boceta da tua mulher por tabela. Lambe aqui". Ele relutou por alguns instantes, mas depois esticou a língua e passou a lamber meu pau, que foi ficando mais rígido ainda. O marido lambia rápido, dando chupadinhas na cabeça. Lambia também o saco, chupando as bolas só com os lábios. Então enfiei de vez o pau em sua boca e ele o chupou com vontade.

Mandei que o marido, agora já livre da corda, tirasse a calça e a cueca e deitasse de bruço na cama. A esposa parou de chorar e ficou olhando surpresa, encolhendo-se num canto da cama. Viu o marido tirar os sapatos, a calça e a cueca e, ainda de paletó e gravata, deitar-se de bruço, resignado. Peguei um pote de vaselina no bolso de minha calça e passei uma porção no meu pau. A esposa observava, atenta e surpresa. Ajoelhei-me entre as pernas do marido e, passando uma porção de vaselina no dedo, enfiei fundo no seu cu. Soltou um gemido alto, não sei se de dor ou prazer. Em seguida deitei-me sobre ele e encostei o pau em seu traseiro, lambuzando-o. Ele relaxou e enfiei tudo de uma só vez. Ele soltou um gemido, fechou os olhos e mordeu os lábios. Por algum tempo bombeei seu cu, que aos poucos foi se acostumando ao invasor. Começou a sacudir a bunda e a apertar meu pau ritimadamente. Depois passou a suspirar forte e gozou. Em seguida, larguei minha porra na bunda do herói. Deixei-me ficar por um tempo com o pau atolado em seu cu, até que amoleceu e naturalmente saiu.

Levantei, puxei a mulher para junto de mim e dei-lhe um longo beijo na boca, enfiando-lhe a língua. Pegando minha cueca, fui para o banheiro e entrei na hidromassagem, que começou a encher. Fiquei ali atirado, até que a esposa entrou. Tinha um ar incrédulo no rosto e ficou olhando-me por um bom tempo. Por fim, conseguiu abrir a boca: "Tentei pegar tua arma, mas meu marido não deixou e mandou-me falar contigo. O que está acontecendo?" Disse-lhe que entrasse comigo na banheira que lhe explicaria tudo. Relutou algum tempo, mas, por fim, retirou o robe que havia vestido e entrou. Aconcheguei-a em meus braços, beijei uma de suas orelhas, fazendo com que desse uma risadinha, e passei a contar-lhe:

— O negócio é o seguinte: teu marido tinha a fantasia de te ver comida e ser comido por um assaltante. Também sabia que tu tinhas a mesma fantasia. Não queria um estupro, para não te colocar em perigo. Leu um anúncio meu em uma revista, telefonou-me e combinamos tudo isso.

— Aquele filho da puta! E tu também é outro! — reagiu.

Sua voz era furiosa, mas não se soltou dos meus braços.

Depois dessa aventura, tivemos muitas outras, realizando muitas fantasias mais, tanto deles como minhas. Por algum tempo fiquei morando com o casal, já que o apartamento em que estive por algum tempo, naquele mesmo prédio, fora alugado pelo marido para a realização da sua primeira fantasia. Aos seus amigos, eu era apresentado como um primo. Agora já não moramos mais juntos, mas sempre que queremos ainda nos encontramos.

Amante Amador, Porto Alegre, RS.

MÉNAGE NO CEMITÉRIO

Quando em 1989 fui ao velório da mulher de um amigo, na capela do Cemitério do Bom Fim, aqui em Belo Horizonte, jamais poderia imaginar o que iria me acontecer. Fui apresentado a diversas pessoas, entre elas o casal Lana e Flávio. Ela, muito bonita, morena-clara, cabelos pretos e longos, corpo perfeito nos seus 1,70 metro aproximado de altura e aparentando 30 anos. Ele, simpático, sorridente, quase quarenta anos. Encabulado com o olhar penetrante de Lana, sem saber o que fazer, pedi licença ao casal e ao viúvo prometendo voltar mais tarde para ali passar a noite.

Retornei por volta da meia-noite e encontrei somente duas velhas em volta do caixão da finada. Meu amigo, o viúvo, sob efeito de sedativo, havia-se retirado para dormir um pouco. Aproveitei e me dirigi para um corredor ao lado da capela, com a intenção de tirar um cochilo. Qual não foi minha surpresa quando, ao ouvir ruídos, abri os olhos e vi Lana e Flávio sentando-se a minha frente. A mulher vestia blusa branca, muito decotada, e estava sem sutiã, o que permitia que se visse a pontinha de seus mamilos. Uma saia preta curtíssima e muito justa completava sua vestimenta, nada apropriada para um velório. Com todo o respeito que tenho pela mulher dos outros, não consegui mais tirar os olhos daquela beldade.

Pude ver, mas não ouvir, Flávio falar baixinho no ouvido de Lana. A seguir, ela aos poucos foi abrindo as pernas, mostrando uma tanguinha preta, que de tão minúscula mal lhe cobria o grelo. Fiquei ali, boquiaberto, só olhando, sem acreditar que aquilo estivesse acontecendo comigo. Logo eu, um homem simples, sem nada de importante para oferecer ou dizer! E continuei olhando aquelas belas pernas, agora já totalmente abertas, como se implorassem carícias.

Viajei com aquele casal para o delicioso mundo dos sonhos e voltei à realidade ao ver a mulher ausentar-se, talvez para ir ao banheiro. Enquanto isso, o marido me dizia que viram em mim um homem especial para ser amigo muito íntimo deles. Respondi que seria maravilhoso tê-los como amigos. Ao retornar, Lana veio com a idéia de jogarmos purinha. Quem ganhasse, a cada rodada, teria o direito de fazer um pedido. Começamos a jogar e quem venceu a primeira foi o Flávio. Seu pedido:

— Tenho certeza que a Lana nunca beijou outro homem além de mim. Agora chegou a hora. Vou ficar no canto do corredor para olhar a barra e de lá quero vê-los se beijando bem gostoso.

Acho que nunca fui tão desejado. Aquela mulher me abraçou e me beijou tão gostoso que quase cheguei ao êxtase ali mesmo, de pé. Subi sua saia, desci a calcinha e coloquei a mão naquela bunda lisinha, acariciando-lhe o ânus e o clitóris. Lana começou a gemer, esfregando o umbigo em meu pênis ainda sob a calça. Afoito, desci o zíper, mas, quando ia tirar o cacete para fora, Flávio saltou de onde estava e disse que o pedido era só o beijo.

Voltamos a jogar e, dessa vez, eu ganhei. Pedi a Lana que tirasse a calcinha e abrisse bem as pernas, até que outro de nós tivesse direito a outro pedido. Graciosamente e sem a calcinha, ela abriu bem as pernas, deixando à mostra sua grutinha do amor sem um só pêlo. Não resisti e pedi permissão aos dois para acariciá-la com a língua. Flávio novamente dirigiu-se para o início do corredor e fiquei ali, ajoelhado, chupando aquela delícia toda depilada e perfumada. Como um cachorro com muita sede, fiquei ali mordendo e beijando seu clitóris e o ânus, até senti-la gozar em minha boca.

Com receio de que chegasse alguém, saímos dali e atravessamos o muro do cemitério, por um buraco. Deitamos Lana sobre o mármore de um túmulo, quando ela abocanhou meu caralho de 19x5 centímetros, enquanto agasalhava na boceta a pica do marido, maior ainda que a minha. Foi maravilhoso ver aquela mulher deliciar-se com dois cacetes ao mesmo tempo. Quem, às nove horas da noite, viu aquela dama em volta do caixão, não poderia imaginar que ela estaria deitada sobre um túmulo, transformada em uma putinha a satisfazer dois homens famintos.

Até março de 1990, fui um amigo fiel do casal, em suas alegrias e tristezas. Depois eles mudaram para São Paulo e nunca mais os vi. Agora estou à procura de outro casal que deseje um amigo simples, confiável, sincero, honesto, de boa índole, muito discreto, não passivo, moreno-claro, 35 anos, 1,80m, 80kg.

Lúcio Lara, Caixa Postal 691, CEP 30161, Belo Horizonte, MG.

TARDE DE DOMINGO

Tudo aconteceu numa tarde ensolarada de domingo, quando vinha de um almoço na casa de um amigo. Ao passar em frente a um barzinho, já no meu bairro, notei duas moças e um rapaz bebendo cerveja descontraídos, em uma das poucas mesas existentes. As moças eram muito elegantes e a que aparentemente estava desacompanhada era uma bela loira, que mostrava boa parte das coxas que, à primeira vista, pareciam muito sensuais.

Eu não estava a fim de beber, mas, diante de tanta simpatia,resolvi entrar e pedir um refrigerante, só para ver de perto aquele lindo par de pernas. Depois de estacionar a moto na calçada e acender um cigarro, tomei o cuidado de escolher uma mesa que me posicionasse de frente para o alvo. Antes me dirigi ao balcão, cumprimentei o dono do bar e acabei trocando a bebida por uma cerveja, com a desculpa de que esperava por um amigo. (Não sei por que nunca assumo meus atos).

Com a cerveja e o copo na mão, dirigi-me devagar para o local escolhido e sentei em uma das quatro cadeiras, de maneira que o casal, que parecia namorados, ficasse de costas para mim. A loira (agora eu notava que se tratava de um tesão) estava a menos de três metros, de frente para mim. Fiquei bem à vontade para apreciar a pantera. Uma vasta cabeleira crespa lhe caía pelos ombros; usava minissaia justa, colada ao corpo, e uma camiseta de malha. Dava para perceber que não usava sutiã. Seios eretos, de tamanho médio; mamilos salientes parecendo querer furar o fino tecido. Com as pernas cruzadas, mostrava seus encantos: coxas bem torneadas cobertas de pêlos finos e dourados — um verdadeiro convite à sedução.

Tanto a loira como seus amigos pareciam não se darem conta da minha presença ali. Eu não me importava, pois, além de tímido, achava que era muita areia para meu caminhãozinho. Queria mesmo era admirá-la, sem nenhum compromisso. Com os olhos cravados em suas pernas, comecei a construir mil fantasias. De repente, notei que ela, agora, se agitava e falava mais que o habitual até então. Gesticulava muito e sua saia, que já era curta, subia ainda mais. Um calor excitante passou a invadir meu corpo. A cada movimento mais ousado que ela fazia, podia ver sua calcinha preta. Isso estava deixando-me alucinado.

Tenso, resolvi ir ao banheiro. Na volta, no balcão, pedi uma caipirinha, para acalmar os nervos. Voltei para a mesa e novamente fixei os olhos naquele tesão de pele bronzeada. Senti um nó na garganta, quando o rapaz que acompanhava as duas sugeriu para irem embora. Não gostei da idéia, afinal, nunca havia sentido tamanha excitação e, além do mais, um sexto sentido me dizia que a brincadeira ainda daria samba. E foi a própria loira que sugeriu aos amigos que tomassem a saideira. O rapaz concordou, depois de alguns beijos e amassos na namorada.

Quando Sandra (agora já havia ouvido o seu nome) descruzou as pernas bem devagar, para ir ao banheiro, pude ver com detalhes quase toda sua intimidade. Demorou-se por uns dois ou três minutos, mas para mim foi uma eternidade. Ao sentar-se novamente, já não cruzava as pernas. Não gostei. Nessas alturas, já sacara que ela fazia todos os movimentos intencionalmente, só para ver minha cara de tarado ridicularizado. Mas não me importava; o que queria mesmo era ver sua xoxotinha maravilhosa. Num dado momento, Sandra passou a abrir e fechar as pernas, tocando um joelho no outro, acompanhando a música ambiente. Foi de corromper qualquer cristão: bem ali, na minha cara, podia ver sua xoxotinha totalmente, agora sem a proteção da tanga, que provavelmente, no banheiro, guardara na bolsa.

Era demais para mim. Sandra passou a movimentar as pernas em ritmo cadenciado, porém alucinante. Comecei a suar frio; não conseguia dissimular o nervosismo. Resolvi tomar outra capirinha, mas, como da outra vez, fui pedi-la no balcão, com medo de que o garção estragasse a festa. Tomei a bebida de um só gole e voltei para a mesa ofegante. Procurava esconder ao máximo todo o êxtase que sentia, de modo que nem o garção nem o casal de namorados desconfiavam de nada. Somente Sandra notava meu nervosismo e sofrimento.

Cruzando novamente as pernas bem

devagar, deixou aparecer os pêlos negros de seu sexo, que contrastavam com a pele clara e bronzeada. Para completar minha agonia, levantou-se, contornou a mesa e inclinou-se sobre o ombro da amiga, provavelmente para confidenciar-lhe algum segredo. Foi uma loucura! Bastou afastar-me um pouquinho lateralmente na mesa para apreciar seu bumbum maravilhoso, do jeito que veio ao mundo. Aí pirei de vez. Minha vontade era de agarrá-la ali mesmo, chupá-la, mordê-la, cavalgá-la ao estilo dos garanhões selvagens em perseguição à égua no cio. Mas consegui me controlar. Talvez porque, quando faço amor, procuro me segurar ao máximo, retardando o orgasmo até o último momento.

Quando cravei os olhos naquela bunda dourada, senti um frenesi invadir todo meu corpo, convergindo para meu sexo, que, naquela altura, só precisava que se colocasse a mão para explodir em prazer, sem o mínimo esforço. Nesse instante, o rapaz que as acompanhava notou que eu observava a bunda da sua amiga, embora jamais suspeitasse que a putinha estava sem a calcinha. Mas, ao diabo! Eu já estava fora de mim e pouco me importava o que ele pensava ou poderia falar. Agora ele as chamava para irem embora, em tom imperativo. Foi aí que pela primeira vez fitei Sandra dentro dos olhos. Ela também me fitou com um sorriso malicioso. Num grande esforço, venci a timidez e arrisquei um pequeno gesto, para que deixasse o número de seu telefone. Ela entendeu e, com os olhos, concordou.

Fingindo que iria até o balcão para verificar a conta, Sandra apanhou uma caneta, anotou qualquer coisa num pequeno pedaço de papel e, na saída, sob meu olhar vigilante, deixou que caísse debaixo da mesa. E saiu rebolando aquele traseiro que nenhum macho ousaria botar defeito. Levantei, apanhei o pequeno pedaço de papel e lá estava: nome, tudo. Respirei aliviado, pedi outra cerveja, acendi um cigarro e, agora bem relaxado na cadeira, com as pernas estiradas, fui fechando os olhos. O desabafo do garção me acordou: "Mas que louraço, cara!" Concordei com um sorriso e voltei a fechar os olhos, certificando-me com a mão de que o precioso pedaço de papel estava em lugar bem seguro. Voltei para casa e escrevi este relato, sem ao menos esperar pelo resultado do telefonema que iria dar no dia seguinte.

Marcelo, Goiânia, GO.

DOCE LEMBRANÇA

Tudo começou quando conheci Cris, a nova balconista da perfumaria de uma farmácia perto de casa. Fiquei abobalhado com tamanha beleza e alguns minutos a admirando. Uma gata de olhos verdes, 1,70m, 55kg bem distribuídos. Sempre que podia ia até a farmácia comprar alguma coisa, só para vê-la. Após algumas semanas, já éramos amigos.

Apesar de minha mulher, Bel, também ser uma gata, loira, olhos azul-escuros, 1,55m e 48kg, não conseguia resistir aos encantos de Cris. A primeira chance surgiu quando Bel foi passar um final de semana no Interior, na casa de seus avós. Deixei-a na rodoviária e segui imediatamente para a farmácia, cheio de pretensões. Cris aceitou meu convite para um chopinho à noite. Peguei-a em casa às 22 horas. Quase tive um treco: trajava uma minissaia de couro preto curtíssima e uma blusa de seda branca com um decote que deixavam à mostra um belo par de seios. Quando subiu na garupa da moto, pude perceber sua minúscula calcinha branca.

Depois de rodar uns dez minutos sem destino, Cris apontou para um motel e sentenciou: "É ali". Fiquei mudo. Entramos na suíte e passamos uma noite inesquecível e de muitas transas. Em

certo momento, ela me confessara: "Achava que este momento seria impossível, por você ser casado, mas minha fantasia finalmente se realiza".

Enquanto a penetrava, Cris pronunciava palavras desconexas e me pediu que falasse obscenidades ao seu ouvido. Em meio a tanta loucura, perguntei-lhe se não gostaria de ter outra pessoa lhe chupando enquanto era penetrada. Ela respondeu que sim. Desse dia em diante encontramo-nos diversas vezes, e ela sempre pedia que lhe falasse sobre isso, sobre a outra pessoa. E aí me surgiu uma idéia. Comecei a fazer a mesma coisa com Bel, que também aceitava a brincadeira, até que um dia me pediu para arranjar alguém para que pudéssemos realizar essa fantasia. A partir desse dia, passei a preparar o encontro de minha mulher com Cris, que já havia aceitado a idéia. Bel não sabia de meu caso com Cris nem que seria ela a nossa companheira na tão sonhada transa.

Um dia avisei Bel que traria uma amiga para jantar. Depois de comermos uma gostosa bacalhoada regada a vinho branco, fomos para a sala tomar um licorzinho, quando rolou um animado bate-papo, onde o assunto principal foi o sexo. Lá pelas tantas, Cris foi ao banheiro e, ao retornar, encontrou

eu e Bel quase sem roupa, num tremendo amasso. Ela não se fez de rogada, tirou sua roupa e juntou-se a nós. Foi uma noite e tanto. Comi o cuzinho de Bel enquanto ela era chupada por Cris. Depois foi a vez de Cris ser penetrada por mim e chupada por Bel. Passamos todo o final de semana trepando naquele esquema.

Aquela primeira noite foi tão bárbara, que convidamos Cris a morar conosco. Uma semana depois ela já se instalava em nossa casa. Foram dois anos de muito amor e sexo entre nós três, pois não tínhamos nada a esconder um do outro. Vivíamos em perfeita harmonia. Além de eu comer ora uma ora outra, Bel e Cris já transavam numa boa, sem grilo algum. Mas o nosso maior momento era quando estávamos os três juntos.

Um dia, porém, um deslize de Bel pôs tudo a perder. Na semana em que eu e Cris viajamos para um congresso, minha mulher saiu com um cara. Cris ficou louca quando soube e exigiu de mim uma atitude. Eu já havia perdoado minha mulher, uma vez que ela contara primeiro para mim, e não sabia o que fazer, pois amava as duas. Durante toda a semana, pintou um clima horrível em nossa casa. Na sexta-feira, ao chegar do serviço, não encontrei Bel em casa. Ela costumeiramente chegava antes de mim e me esperava com um beijo.

Tentava pôr a culpa no trânsito de sexta-feira pelo seu atraso, mas quando Cris chegou fiquei preocupado, pois as duas trabalhavam uma perto da outra. Já assustados, entramos no quarto como um foguete e notamos que as coisas de Bel não estavam mais lá. Logo achamos um bilhete onde ela dizia: "Perdoe-me, Gugu, por ter estragado o amor mais lindo do mundo. Fique com a Cris, pois ela te ama muito. Quem sabe um dia eu volto. Amo vocês dois. Beijos. Bel". Choramos muito por vários dias, mas Bel não voltou mais.

Como já se passou muito tempo desde a fuga de Bel, eu e Cris gostaríamos de nos corresponder com garotas bonitas, que queiram morar conosco para que, juntos, possamos formar novamente um trio perfeito. Agora, um recado a Bel: "Querida, se você ler este relato, escreva-nos. Estamos com muita saudade da tua amizade e do teu carinho".

Cris/Gugu, Caixa Postal 5.064, CEP 01051, São Paulo, SP.

O VIZINHO

Tudo começou quando eu e minha sobrinha, Cristiane, fomos acompanhar meus vizinhos, Célio e Débora, até o aeroporto. A mulher ia passar as férias com seus pais, no Ceará, mas por compromissos profissionais o marido não podia acompanhá-la. Como meu marido é viajante, chegando a ficar às vezes até três semanas fora de casa, como dessa vez, há muito tempo tenho fome desse meu tesudo vizinho. Mas sempre fui discreta, devido à grande amizade dele com meu marido. Apesar disso, notava seus olhares interessados, principalmente na ausência constante de Paulo. Nessas ocasiões, sempre uso vestidos com aberturas laterais, que deixam à mostra parte de minhas roliças e bem torneadas coxas.

No trajeto de volta do aeroporto para casa, notei uma certa tristeza no lindo rosto de Célio, demonstrando que já sentia saudade de sua apaixonada esposa. Então lhe sugeri que, se quisesse, eu e Cristiane poderíamos lhe fazer companhia em seu apartamento, que fica ao lado do nosso, para espantar a saudade. Com um sorriso malicioso, ele aceitou prontamente, dizendo que "seria uma honra". Era mais ou menos 22 horas quando chegamos ao prédio. Eu e Cristiane passamos primeiro em casa, onde nos vestimos com roupas provocantes. Antes, não resisti à beleza dos 17 aninhos de minha sobrinha e, como já era nosso costume, suguei seus pequenos seios, seus lábios carnudos e sua xoxotinha virgem. Ela fez o mesmo comigo. Antes de sair, combinamos que iríamos dar para o solitário e lindo macho. Cris quase teve uma crise histérica, pois queria levar vara, mas sem perder a virgindade.

Ao chegarmos ao seu apartamento,

Célio procurou nos colocar à vontade e serviu um uísque para bebermos enquanto tomava um banho. Também fez vários elogios a nós duas, dizendo que estávamos lindas, radiantes, femininas etc. Ficamos na sala bebericando e escolhendo as poses mais eróticas para seduzirmos o vizinho. Quando Célio retornou à sala com aquele perfume másculo, vestindo apenas um roupão sem nada por baixo, confesso que tremi de tesão, quase me lançando de vez naquele monte de nervos que já se formava sob o roupão. Afinal, já fazia três semanas que estava em jejum de pica.

Quando Célio sentou-se entre eu e Cris, passei ligeiramente a mão em sua perna e disse-lhe que, por nós, ele não ficaria na fossa. Seu cacete, nessa hora, quase saltou para fora do roupão. Minha sobrinha, mais atrevida, deitou-se sobre seu colo, com a cabeça encostada sobre sua pica, ficando de lado, com suas coxas e nádegas completamente de fora de sua curtíssima saia. Sem esperar mais, Célio puxou-me contra si, beijando-me longamente nos lábios. Confesso que quase desmaiei, pois não acreditava que estava ali à mercê daquele tão sonhado macho. Célio foi descendo para os meus seios e a visão que tive me deixou mais louca ainda: Cris abocanhava um cacete fora do comum, tirando-o e botando-o na boca como se fosse um picolé gigante.

Morrendo de desejo, afastei minha sobrinha (que ficou furiosa) e sentei de frente naquele cacete duro como ferro. Depois de cavalgá-lo por longos minutos, ele me encheu de porra e gozei feito cadela no cio. Com o gigante ainda erguido, Cris voltou à chupetinha, sorvendo gota por gota do seu leite. Célio caiu desfalecido, mas não por muito tempo. Cris ficou de quatro e pediu para ele atolar tudo em sua bunda, o que ele fez com muito carinho. Eu, que até então só tinha provado a varinha (de salão) de Paulo, fiquei eufórica e pedi para meu novo macho me enrabar. Queria porque queria dar o cu. E como dei! Melhor do que tomar na bunda uma vez, só duas, três, quatro...

Eu e minha sobrinha costumávamos transar uma com a outra, quando estávamos sozinhas, mas isso era um segredo nosso. Não é que o safado do meu vizinho, talvez desconfiado, pediu para que mantivéssemos um relacionamento bi, ali, naquele momento?! Dizia que éramos bonitas, gostosas, e que adoraria ver uma comendo a outra. Nos comemos, nos chupamos e confessamos nossas aventuras passadas. Ele adorou. Passamos a noite juntos e Cris pediu para ser deflorada. Célio atendeu seu pedido, e o fez com muito amor. Nunca chupei tanto um caralho como nessas férias de Débora.

Júlia, Caixa Postal 10.072, CEP 90001, Porto Alegre, RS.

SEXOTERAPIA

Sempre me senti muito inseguro ao transar com mulheres. Embora seja potente e viril, ficava apavorado e não fazia nada direito. Foi por causa disso que resolvi procurar uma psicóloga, especialista em sexo. Quase caí para trás, quando vi a doutora Valéria. Um tesão de mulher: loira, olhos claros, uns 24 anos e carinha de boneca da Disneylândia.

Logo na primeira consulta, Valéria acabou com meus grilos. Mas não lhe revelei isso, pois, por mim, continuaria o tratamento pela vida inteira. Ela mostrou-me um divã, onde deitei e, de cara, comecei a relaxar. A doutora ligou um gravador, de onde saía uma deliciosa música oriental, com sinos, cítaras e atabaques. Perguntou o que eu sentia e foi chegando perto de mim.

O seu perfume era simplesmente delicioso, forte, doce, contagiante. Comecei a falar, enquanto ela fazia um cafuné na minha cabeça. Sempre conversando, desabotoou minha camisa e, com as unhas, fez carícias nos meus mamilos. Depois beijou meu umbigo, abriu o zíper da minha calça e abaixou a cueca.

Não é preciso dizer que meu caralho estava pra lá de duro. Parecia rachar ao meio, uma loucura! Valéria deu um beijinho carinhoso no meu pau e começou a pressioná-o com as mãos. Voltou-se para mim e, enquanto nos beijávamos voluptuosa e apaixonadamente, levantou seu vestido, debaixo do qual não havia nenhuma peça de roupa. Ajeitou-se por cima de mim e meu cacete entrou na sua bucetaça, mais gostosa e facilmente que faca em geléia. Valéria fazia movimentos suaves e fortes, lentos e rápidos, e parecia morder meu pau suavemente, com os lábios vaginais, tão forte era a musculatura e suas contrações.

Nossa, eu estava saindo fora de mim! Não agüentava mais de tanto tesão! Mas cada vez que estava quase para ejacular, a doutora praticamente parava e fazia "sssshhhiii..." com a boca, o que me inundava o coração, de carinho, e o bastão, de tesão. Então, chegou uma hora que não deu mais para controlar. Mesmo desviando o pensamento, comecei a ejacular. Foi uma sucessão de esporradas, que me deixou até meio tonto. Que tesão enorme!

Nas consultas seguintes, a gente chegou a transar mais algumas vezes, mas Valéria fazia de modo a que não criasse dependência da minha parte com relação a ela. Mas, com certeza, eu não iria querer acabar com aquilo nunca. Ia completar um ano de sexoterapia, quando a psicóloga disse que precisava fazer um teste de avaliação comigo. Aceitei e, na outra consulta, dentro do seu gabinete, havia uma outra mulher, sisuda, com óculos fundo de garrafa, cabelos curtos que nem homem,e poderia até ser gostosa, mas não deixava antever essa qualidade.

Eu estava doido para não passar no teste e ter de continuar o tratamento com a doutora Valéria. Assim, fiquei até feliz quando me despi e broxei frente àquele bagulho. Ela também tirou a roupa, e não era de se jogar fora, mas não se mostrava nem simpática nem ardente. Chupei a sua orelha, suas tetas, mas, na hora em que meu bastão começava a endurecer, eu fazia com que amolecesse novamente. Não poderia passar no teste!

Depois de uns 40 minutos de prova, felizmente não desempenhei nada. Depois de me vestir, fui conversar com a doutora Valéria, que a tudo assistira analiticamente. Para minha surpresa, eu havia passado no teste, e bem. Foi a psicóloga quem diagnosticou:

— Se você tivesse conseguido transar com ela, que se enfeiou de propósito e se mostrou pouco receptiva, era porque ainda não estava bom. Afinal, o homem não tem obrigação de comer qualquer bagulho que apareça na sua frente. Muito bem, você já está de alta!

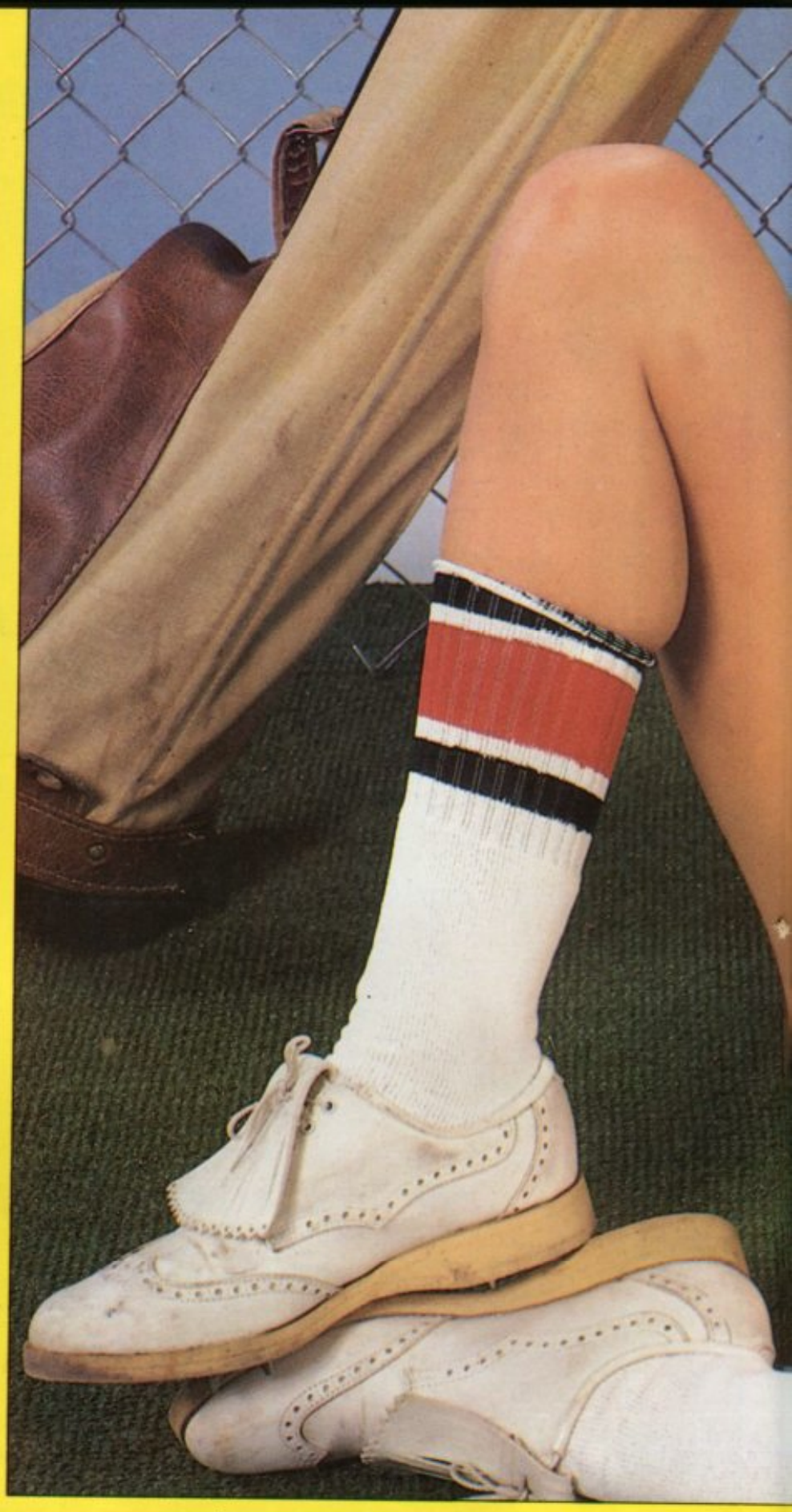
Confesso que fiquei um pouco chateado, mas realmente não daria pra ficar o resto da vida com a psicóloga, que além de tudo era casada e tinha filhos. Mas foi, sem dúvida, o melhor tratamento quer recebi.

Wanderley, Londrina, PR.

A GAROTA DA CAPA

JULIANA

Olhar de sapeca,
beleza irradiante,
assim é Ju,
que nos mostra
toda sua sensualidade,
com um sorriso insinuante



MAGDA

Desde pequena, esta garota adora praticar esportes. Mas foi a partir da adolescência que aderiu ao golfe. Motivo: percebeu que o que gosta mesmo é de lidar com tacos, tê-los à mão ou...

ALICE

Como a dos contos de fada, curte muito seus bichinhos de pelúcia. "Eles ajudam a relaxar", costuma dizer

INÉDITO - IMPORTADO

MAGAZINE INDEX 91
O mais recente e completo magazine de revistas européias.

Compre suas Revistas Pornográficas sem sair de casa, através do nosso completo Magazine - Index 91 - com 76 páginas em cores Com mais de 260 Revistas de Sexo Explícito.

Color Climax
Blue Climax
Teenage Sex
Teenage Schoolgirls
New Cunts
Lesbian Love
Sexy girls
Rodox Special
Exciting
Sex Bizarre
Transsexual Climax
Anal Sex
Hard Core
Sexorgies
Dreamgirls
Inspiration
Sexual Fantasy
Stimulation

Adquira seu exemplar, do MAGAZINE INDEX 91 para ver e adorar o que existe no mundo do sexo e suas fantasias.
O MAGAZINE INDEX 91 custa US$ 10 + taxa do Correio.
Nós reembolsamos o preço do Index 91 na compra de 5 Magazines.
Mande seu cheque, calculado no dia do pedido no Câmbio Paralelo para:

IMPORT - EXPORT
DISTRIBUIDORA DE REVISTAS IMPORTADAS

CAIXA POSTAL Nº 554 - CEP: 13.300 - ITU - S.P.

Nome: _____ Telefone: _____
Rua: _____
Bairro: _____
CEP: _____ Cidade: _____
Estado: _____
Declaro ter mais de 18 anos _____ Assinatura